

Percepção dos acadêmicos de medicina em formação médica frente à morte e ao morrer.

Amanda Viguini Tolentino Correa¹, Bruna Giovenardi¹, Ludmila Oliveira Athayde Arleu¹, Morgana Caliman Rocha¹, Raquel Jackobsen Coelho¹, Vitor Farina Modenesi¹ e Vinicius Santana Nunes².

Submissão: 15/05/2024

Aprovação: 20/03/2025

Resumo - A morte é um evento natural e inevitável e os estudantes iniciam o curso de medicina visando salvar vidas. Existe uma pertinácia dos profissionais da saúde em cuidar de pacientes que reflete, muitas vezes, em protelar o óbito. A morte de um paciente, por vezes, traz ao estudante de medicina sentimentos de frustração, impotência ou incompetência. Paralelo a isso, o desenvolvimento das práticas dentro de ambientes hospitalares, além do acesso às disciplinas de bioética e de psicologia médica, contribui para a formação da responsabilidade essencial para enfrentar e respeitar o processo do morrer de seus futuros pacientes. Este trabalho analisou o comportamento dos discentes de medicina de uma faculdade do Espírito Santo, além de compreender o que significa para esses alunos o enfrentamento da morte e do processo de morrer em sua prática formativa. Os dados foram coletados a partir de questionário aplicado, via ferramenta online Google Forms, a uma amostra aleatória e total de 180 alunos do 1º ao 12º período de medicina da faculdade e foram estratificados nos ciclos de aprendizagem nos quais o curso é estruturado. Os dados obtidos demonstraram que, ao longo do curso, as perspectivas dos alunos de medicina a respeito da morte de seus pacientes está falha quanto à abordagem do assunto e tema durante a formação, e que a maioria percebe fragilidade nesse enfrentamento, sendo que o desenvolvimento da interação dos estudantes com os pacientes melhora a preparação do estudante ao enfrentar o tema.

Palavras-chave: Morte. Medicina. Morrer.

Perception of medical students in medical training regarding death and dying

Abstract - Although medical students are inserted in a context where death is a natural and unavoidable event, they start the undergraduate program aiming to save lives. In this setting, health care professionals can be tendentious to postpone their patients passing away. The decease of a patient can, sometimes, bring up feelings such as frustration, helplessness and incompetence. In addition to these, the development of best practices in hospital environment and access to bioethics disciplines and medical psychology contributed to instill the essential responsibility to face and respect the process and the event of death of their future patients. This work is intended to analyze the behaviour of medical school students at a college in Espírito Santo state, Brazil, and explain to them what it means to face the event and the process of death of a patient in their undergraduate program. The data herein were collected from a questionnaire applied through online Google Forms, a random sampling of a total of 180 students from the first to the twelfth terms in that same medical school, which were allotted into cycles for later comparisons among them. The obtained results showed that the medical school students' perspectives on their patients' death is faulty concerning the approach of this subject in the undergraduate program, which results in poor judgement in dealing with it. It was concluded that the knowledge of techniques to interact with patients improves the students' preparation to face these issues.

Keywords: Dead. Medicine. To death.

¹ Graduandos do curso de Medicina do Centro Universitário Multivix Vitória, Goiabeira, Vitória, ES,

² Professor do curso de Medicina do Centro Universitário Multivix Vitória, Goiabeira, Vitória, ES,

INTRODUÇÃO

A morte é um processo universal e inevitável que ocorre também em seres humanos. Na rotina da medicina, existe um empenho em cuidar de pacientes que reflete, muitas vezes, em adiar o óbito. Estender o período de responsabilidade sobre um paciente, exercendo um papel contra a morte, pode causar danos psicossomáticos aos pacientes, profissionais da saúde e estudantes de medicina. A diferenciação de morte e morrer precisa ser entendida, sendo este o processo passado pelo paciente, que engloba seu sofrimento, suas percepções e reações a respeito da doença e o impacto que será estabelecido em seu ambiente de convívio ocasionado pelo receio da morte, que é definida como o fim da vida, propriamente dito (Araújo; Vieira, 2004).

Desde a imersão no curso de medicina, os alunos são treinados a evitar a evolução natural de uma doença, visto que falar sobre a morte, historicamente, intimida as pessoas, mesmo sendo uma verdade incontestável e inevitável (Azeredo; Nara, 2010). Acredita-se no âmbito médico que a morte do paciente deve sempre ser combatida, tanto que, em situações de óbito, muitos afirmam “ter perdido o paciente”, dando a entender que a morte é um adversário a ser vencido (Figueiredo; Stano, 2013). Quando os pacientes não resistem, os médicos sentem grande angústia, que, segundo Aline e Lucia (2012), é caracterizada pela remoção do médico de sua imparcialidade.

A morte de um paciente, por vezes, traz ao estudante de medicina sentimentos de frustração, impotência ou incompetência. Esses sentimentos poderiam ser amenizados se as expectativas de prevenir o inevitável deixassem de ser estimuladas durante o curso de medicina e fossem mais enfaticamente discutidas e analisadas (Eizirik, 2002). A formação médica é deficiente no âmbito de não ensinar, ao estudante, a compreensão da morte e do processo de morrer, criando um “olhar defeituoso” para com a morte de seu paciente (Aline; Lucia, 2012). O preparo dos acadêmicos é importante para que se tornem profissionais aptos a lidar com o fim natural da vida, para que não haja falta de suporte de que o paciente necessita, deixando de suprir suas carências (Silva, Sadala, 2008; Marta et al., 2009).

Apesar de sua inevitabilidade, a morte permanece um tema pouco explorado e discutido nos currículos

de medicina, o que pode resultar em profissionais de saúde mal preparados para lidar com essa realidade em sua prática diária (Marques, 2015). A abordagem insuficiente deste tema pode levar à formação de médicos que veem a morte como um fracasso pessoal e profissional, em vez de um evento natural no ciclo da vida (Souza; Andrade, 2018). O enfrentamento adequado da morte exige não apenas habilidades técnicas, mas também uma preparação emocional e psicológica que deve ser iniciada durante a formação acadêmica (Nunes, 2017).

A integração de um componente curricular específico que aborde a morte e o processo de morrer poderia oferecer aos estudantes de medicina uma compreensão mais equilibrada e humana sobre o fim da vida. Estudos indicam que a educação sobre a morte pode reduzir a ansiedade e o medo dos profissionais de saúde, melhorando sua capacidade de fornecer cuidados de fim de vida de alta qualidade (Silva; Pereira, 2020). Além disso, essa formação pode ajudar os médicos a desenvolverem empatia e habilidades de comunicação mais eficazes, essenciais para o suporte aos pacientes e suas famílias durante o processo de morrer (Carvalho et al., 2019).

A formação médica deve incluir discussões abertas e práticas sobre a morte para desmistificar o tema e preparar os futuros médicos para enfrentar essa realidade de maneira profissional e compassiva (Ferreira, 2021). Programas de simulação, grupos de discussão e a inclusão de disciplinas específicas sobre cuidados paliativos são algumas das estratégias que podem ser adotadas para melhorar a preparação dos estudantes (Oliveira; Santos, 2022). Essas iniciativas não apenas preparam os médicos para lidar com a morte, mas também promovem uma abordagem mais holística e humana na prática médica (Rodrigues, 2019).

Assim, a adoção de um currículo que contemple a morte como parte integral da formação médica é essencial para o desenvolvimento de profissionais mais preparados, empáticos e capazes de enfrentar os desafios emocionais e éticos associados ao cuidado de pacientes terminais (Gomes; Lima, 2017). Este estudo busca contribuir para essa discussão ao avaliar as percepções e necessidades dos estudantes de medicina em relação à morte, oferecendo insights para possíveis melhorias na educação médica (Silva et al., 2023). Acreditamos que, com a formação adequada, os futuros médicos poderão lidar com a

morte de seus pacientes de maneira mais serena e profissional, beneficiando tanto os próprios profissionais quanto os pacientes e suas famílias (Pereira; Martins, 2021).

Diante desse cenário, este artigo buscou analisar, por meio de questionário, a postura dos discentes do 1º ao 12º período do curso de medicina de uma faculdade do Espírito Santo, de forma a comparar as diferentes visões dos ciclos básico, clínico e internato a respeito do assunto. Além disso, buscou-se compreender o que significa para esses alunos o enfrentamento da morte e do processo de morrer em sua prática formativa. Também foi possível esclarecer se há deficiência na abordagem do assunto na prática formativa e o seu impacto na vida profissional e no mercado de trabalho. Por conseguinte, lança as bases para a possibilidade de adesão ou criação de um componente temático que aborde tal questão ao longo da graduação.

MATERIAIS E MÉTODO

O presente estudo possui caráter transversal, comparativo e qualitativo, realizado nas instalações da Faculdade Brasileira - Multivix, em Vitória (ES), durante o período letivo do primeiro semestre de 2019. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em setembro de 2018, sob o protocolo 99499118.9.0000.5066. A amostra compreende alunos regularmente matriculados no curso de medicina da instituição, com idade igual ou superior a 18 anos, que concordaram voluntariamente em participar da pesquisa. A estrutura do curso de medicina é dividida em 12 períodos, os quais são estratificados em três ciclos: o básico, o clínico e o internato, e cada ciclo possui, em média, 180 alunos.

A estimativa amostral aleatória foi baseada em um terço dos alunos de cada ciclo do curso de medicina da instituição, totalizando n = 180 alunos, sendo 60 de cada ciclo e 15 de cada período. Foram excluídos os indivíduos com idade inferior a 18 anos, que não estão regularmente matriculados no curso de medicina da instituição, com formação prévia na área da saúde ou pertencentes à corporação de bombeiros, além de outros profissionais não citados que podem trabalhar diretamente com a morte. A justificativa para a determinação da faixa etária é a legalidade da autorização

para a entrevista, e a exclusão dos profissionais citados deve-se ao fato de que possuem conhecimento e convivência com o tema principal do trabalho, o que pode interferir na análise dos dados obtidos.

Foram respeitados e preservados os Direitos Humanos inerentes aos indivíduos participantes. Todos os dados e informações coletados estão estritamente de acordo com a Resolução 466/2012 e 510/16. Os dados coletados e analisados foram guardados por 5 anos pelos pesquisadores responsáveis por esta pesquisa e, posteriormente, serão destruídos conforme regem as normas de pesquisa com seres humanos.

Os dados recolhidos foram tabulados eletronicamente e, para a comparação, foi utilizado o Excel, a fim de analisar a prevalência de cada resposta. Anteriormente à coleta de dados, o questionário foi validado por um grupo de 10 acadêmicos de medicina de outras instituições de ensino, a fim de buscar uma abordagem completa e clara do assunto, com maior abrangência, objetividade e pertinência. Ao fim do questionário, os estudantes do grupo piloto tinham a possibilidade de expor potenciais equívocos e vieses do questionário, em uma pergunta aberta no próprio formulário (que foi excluída para o grupo teste). Após apreciação desse grupo, o instrumento foi reestruturado segundo as críticas e sugestões manifestadas por eles, para que fosse aplicado aos estudantes com o mínimo de erros possíveis.

O questionário, enquanto instrumento de coleta de dados, foi elaborado mediante consulta, leitura e análise prévia da bibliografia revisada, a qual aborda, basicamente, a visão dos médicos em relação à morte do paciente. As questões foram divididas em: a) área da identificação do aluno (siglas do seu nome, idade, sexo, período em que se encontra, ciclo e quantas vezes na semana tem contato com os pacientes) e b) área das indagações específicas sobre o tema proposto. O questionário foi realizado na plataforma online Google Forms, contendo apenas questões objetivas para maior praticidade e rapidez da coleta de dados, e enviado para os alunos por meio de grupos de cada sala em um aplicativo de mensagens. Para evitar vieses, o questionário somente iniciava após a autorização do participante, ao aceitar as condições do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e finalizava com todas as perguntas respondidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas aos questionários foram obtidas durante o período de duas semanas, nas quais foram colhidas 15 respostas dos estudantes de cada período, alcançando 60 respostas por ciclo: básico, clínico e internato, totalizando 180 retornos (Tabela 1).

Destes, 75% não possuem componente curricular

abordando o tema e, caso houvesse, 69% mudariam a forma de encarar a morte de seus pacientes, sendo 35% certamente e 34% talvez. Para 31% dos participantes, tal temática não mudaria sua perspectiva, mesmo com a abordagem do tema. Em relação ao sentimento experimentado frente à morte de seus pacientes, a maioria respondeu “frustrado” e “impotente”, e a minoria afirmou “tranquilidade”, “incompetência” e “indiferença”.

Tabela 1. Dados gerais dos entrevistados.

Idade (média)		Sexo (%)	
23		Mulher	Homem
		64	36
Contato com o paciente / semana (%)			
Nunca	1x	2x	≥ 3x
15	20,6	7,3	57,1

No ciclo básico, 33% dos discentes se sentem “preparados” ou “totalmente preparados” para lidar com o passamento de seus pacientes, enquanto 67% se sentem “não preparados” ou “nem um pouco preparados”. Dentre esses, 52% nunca presenciaram esse momento em meio acadêmico, 46% já tiveram essa experiência, 2% já presenciaram um falecimento em outros contextos não relacionados à faculdade e 48% em ambas as circunstâncias.

No ciclo clínico, 52% já presenciaram o fim da vida de seus pacientes, 48% nunca vivenciaram essa situação, 26% já vivenciaram fora do meio acadêmico e 11% em ambas as ocasiões.

Quanto ao nível preparo para enfrentar essa conjuntura: 37% se consideram “preparados” ou “totalmente preparados”, 63% se sentem “não preparados” ou “nada preparados”. No internato, 32% já estiveram no momento do óbito durante a prática acadêmica, 7% em outro momento da vida e 53% em ambas as circunstâncias. Sobre estar preparado, 67% afirmaram se sentir “preparados” ou “totalmente preparados” para lidar com essa situação e 33% se consideram “não preparados” ou “nada preparados”.

Os resultados deste estudo fornecem uma visão abrangente sobre a percepção e preparação dos estudantes de medicina para lidar com a morte dos pacientes em diferentes etapas de sua formação

acadêmica. A coleta de dados, que resultou em 180 respostas, distribuídas equitativamente entre os ciclos básico, clínico e internato, revela padrões distintos de exposição e preparo para enfrentar a morte, bem como as lacunas no currículo acadêmico relacionado a essa temática.

A partir da análise das respostas obtidas nos questionários, observa-se que 75%, a maioria dos estudantes de medicina avaliados, não possuem um componente curricular que aborde a percepção do aluno frente às situações de morte e morrer de seus pacientes. Paralelamente a isso, 69% dos participantes responderam que, caso houvesse um componente, sua forma de encarar a morte mudaria “certamente” ou “talvez”, sendo 35% e 34%, respectivamente. Enquanto a menor parte, 31%, alegou que, mesmo com a abordagem do conteúdo na grade curricular, não haveria alteração de sua perspectiva. No mesmo cenário, os questionários também mostraram que grande parte dos discentes se sentem “impotentes” e “frustrados” em maior magnitude, sendo os sentimentos “tranquilidade”, “incompetência” e “indiferença”, citados por uma menor parcela de estudantes, conforme mostra a Figura 1.

A maioria dos estudantes relatou sentir-se “frustrado” e “impotente” diante da morte de um paciente, sentimentos que são compreensíveis, dada a natureza emocio-

nalmente desafiadora dessa experiência. A minoria que se sentiu "tranquilo", "incompetente" ou "indiferente" indica uma variabilidade na resposta emocional, que pode ser influenciada por fatores pessoais, nível de maturidade emocional ou experiências prévias.

Essa diversidade de sentimentos aponta para a ne-

cessidade de apoio psicológico e emocional contínuo durante a formação médica. A implementação de programas de suporte psicológico e o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento podem ser cruciais para ajudar os estudantes a gerenciar melhor as emoções associadas à morte dos pacientes, promovendo uma atitude mais resiliente e profissional.

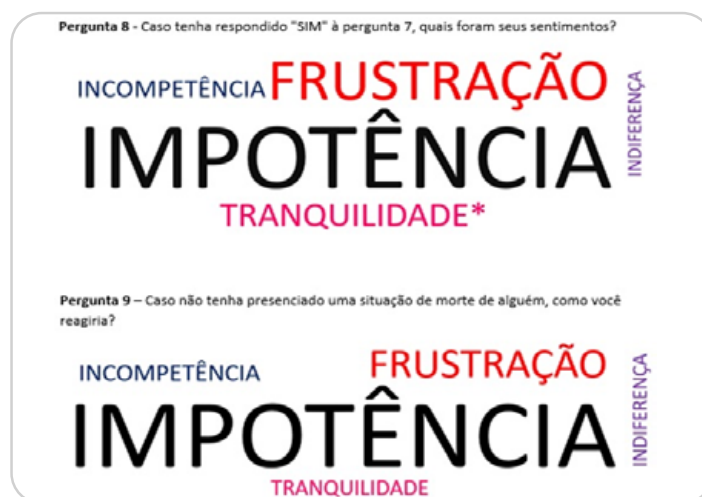


Figura 1. Representação gráfica escalonada, sendo a quantidade de respostas obtidas proporcional ao tamanho da palavra, evidenciando o sentimento de impotência entre os discentes, tanto em situações de morte já testemunhadas quanto na perspectiva de presenciá-la.

Ainda nesse contexto, notou-se que 52% dos acadêmicos do ciclo básico, mesmo nunca tendo presenciado qualquer situação de morte, afirmam sentir-se totalmente preparados para lidar com essa situação, computado 33%. Tal grupo foi classificado como "efeito Dunning-Kruger": fenômeno pelo qual

indivíduos que possuem pouco conhecimento sobre um assunto acreditam saber mais que os outros, estando mais bem preparados, fazendo com que tomem decisões erradas e cheguem a resultados indevidos (Pennycook et al., 2017), conforme mostrado na Figura 2.

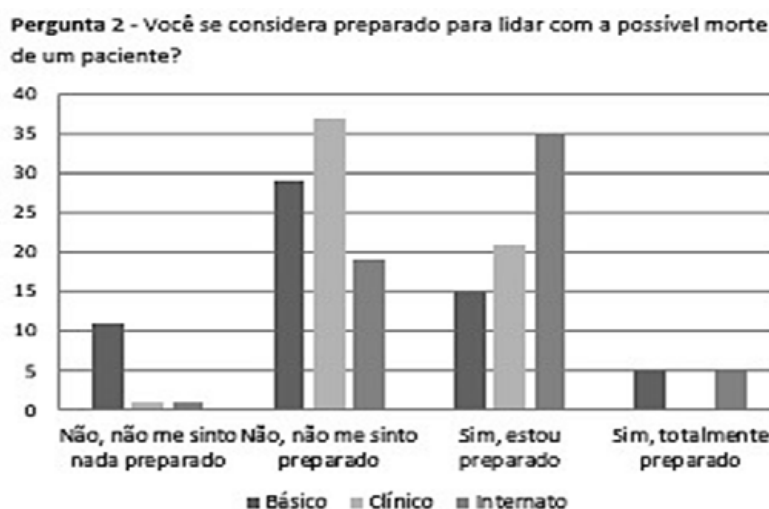
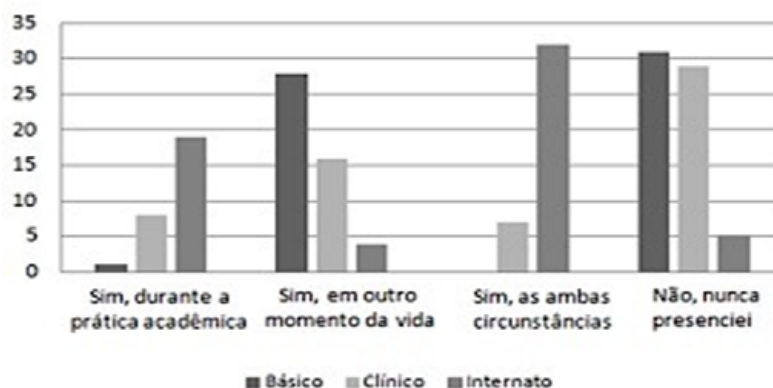


Figura 2. Comportamento dos estudantes de saúde diante dos questionamentos sobre o presenciar e seus preparos para encarar a morte de pacientes no decorrer do seu ciclo básico, clínico e internato durante o curso.

Pergunta 7 - Você já presenciou a morte de alguém durante a prática acadêmica ou em outro momento da vida?



Na Figura 2, observa-se o efeito Dunning-Kruger, mediante a análise comparativa das respostas obtidas a partir das perguntas 2 e 7, que correlacionam o preparo dos estudantes, divididos em ciclo básico, clínico e internato, frente ao contato com situações de morte.

O ciclo clínico, por sua vez, mostrou-se dividido. É notável que, provavelmente, isso se deve ao fato de que os estudantes estão mais experientes em relação ao básico, porém não tanto quanto os acadêmicos do internato. Assim, 37% se consideram preparados para lidar com a morte de seus pacientes, enquanto 63% não se sentem preparados. Vale ressaltar que, nessa fase do curso, o contato com o paciente é maior, mais de duas vezes por semana, de forma que 52% já presenciaram um falecimento, seja durante a prática acadêmica (8 pessoas), em outro momento da vida (16 pessoas) ou em ambas as circunstâncias (7 pessoas). Enquanto 29 alunos, 48%, nunca presenciaram qualquer situação de passamento.

A respeito do ciclo internato, fase do curso em que o contato prático do discente com o paciente é superior às abordagens teóricas, verificou-se que 32% já presenciaram o momento do óbito durante a prática acadêmica, 7% em outro momento da vida e 53% em ambas as circunstâncias. Enquanto 67% afirmaram estar preparados para lidar com essa situação e 33% não se consideram preparados. Esse resultado evidencia a necessidade de uma melhor abordagem dessa questão, já que são pessoas que possuem contato e já presenciaram a situação. Por isso, fica o entendimento de que a porcentagem de alunos que se sentem preparados para lidar com essa situação

deveria ser maior, pois, em menos de 2 anos (tempo de duração do ciclo), esses alunos serão os médicos que atuarão nas unidades de saúde, nos pronto-socorros e, até mesmo, nas UTIs.

A integração de experiências de vida e acadêmicas no currículo pode ser uma estratégia para aumentar a exposição e, conseqüentemente, a preparação dos estudantes. Programas de voluntariado, estágios extracurriculares e a inclusão de testemunhos de profissionais experientes podem complementar a formação tradicional e proporcionar uma preparação mais robusta.

CONCLUSÃO

Apesar de existir uma interpretação de que as reações de cada indivíduo são independentes dessas aprendizagens, é possível que a abordagem na grade curricular de um componente temático que indague tal conteúdo ao longo do curso, de forma contínua e incisiva, possa mitigar os comportamentos negativos dos alunos nessas situações. Concomitantemente a isso, discussões de forma interdisciplinar dentro do ambiente acadêmico possibilitariam melhorar a aptidão e o enfrentamento dos estudantes diante de um cenário de morte e morrer de seus pacientes, diminuindo os sentimentos de frustração, impotência e incompetência, haja vista que este é um processo natural da vida. Além disso, todas essas abordagens citadas visam minimizar erros médicos por distanásia, insegurança e imprudência.

Os resultados deste estudo destacam a necessidade

urgente de uma revisão curricular que inclua a temática da morte de forma mais abrangente e estruturada. A preparação inadequada para lidar com a morte pode ter implicações significativas não apenas para o bem-estar emocional dos futuros médicos, mas também para a qualidade do cuidado prestado aos pacientes e suas famílias.

A implementação de componentes curriculares específicos, combinada com suporte psicológico e experiências práticas diversificadas, pode ajudar a preencher as lacunas identificadas e preparar melhor os estudantes para enfrentar uma das realidades mais desafiadoras da prática médica. Investir na formação emocional e profissional dos futuros médicos é fundamental para garantir que eles possam prestar um cuidado compassivo e competente, mesmo nas situações mais difíceis.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, P. V. R.; VIEIRA, M. J. **A morte e o morrer: um olhar sobre a formação médica**. Brasília: UnB, 2004.
- ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**. TEDx FMUSP, 2012. 18 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ep354ZXKBES&feature=youtu.be>. Acesso em: 9 mai 2018.
- ALINE, M.; LUCIA, S. **O luto na medicina: implicações emocionais**. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- AZEREDO, S.; NARA, A. **História da morte na medicina**. São Paulo: Edusp, 2010
- AZEREDO, N. S. G.; ROCHA, C. F; CARVALHO, P. R. A. O enfrentamento da morte e do morrer na formação de acadêmicos de Medicina. **Revista brasileira de educação médica**. 35(1):37 – 43. 2011,
- BERNIERI, J.; HIRDES, A. **O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer**. Rio Grande do Sul; 2006. Monografia - a Universidade Federal de Santa Catarina. 2006.
- CAMARAGO, A. P.; NUNES, L. M. F.; REIS, V. K. R.; BRESCHILIARE, M. F. P.; MORIMOTO, R. J.; MORAES, W. A. S. O ensino da morte e do morrer na graduação médica brasileira: artigo de revisão. **Revista Uningá**. 45(1): 44-51. 2015.
- EIZIRIK, C. L. **Aspectos psicológicos do enfrentamento da morte**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002
- FIGUEIREDO, R.; STANO, C. **Enfrentando a morte no hospital**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.
- FERREIRA, L. Formação médica e morte: uma análise crítica. **Revista brasileira de educação médica**, 2021.
- GOMES, F.; LIMA, P. **A morte no currículo médico**. Porto Alegre: Bookman, 2017.
- MARTA, C et al. **Educação médica e a morte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
- MARTA, G. N.; MARTA, S. N.; J. FILHO, A. O estudante de medicina e o médico recém-formado frente à morte e ao morrer. **Revista brasileira de educação médica**, 33 (3) : 416 – 427. 2009.
- MARQUES, R. A formação médica e o ensino da morte. **Revista de educação médica**, 2015.
- MACEDO, J. **Emoções subjetivas do acadêmico de medicina frente a morte do paciente**. Goiás; 2017. Mestrado [Dissertação] - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2017.
- MELLO, A. A. M; SILVA, L. C. A estranheza do médico frente à morte: lidando com a angústia da condição humana. **Rev Abordagem Gestalt**; 18(1): 52-60. 2012.
- NUNES, A. Preparação emocional na formação médica. **Jornal de psicologia médica**, 2017.
- SOUZA, A.; ANDRADE, L. Desafios no ensino sobre a morte. **Educação médica contemporânea**, 2018.
- OLIVEIRA, T.; SANTOS, M. **Cuidados paliativos e formação médica**. Belo Horizonte: UFMG, 2022.
- PEREIRA, M.; MARTINS, L. **A formação médica e a morte dos pacientes**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.
- PENNYCOOK, G.; ROSS, R. M.; KOEHLER, D. J.; FUGELSANG, J.A. Dunning-Kruger effects in

reasoning: Theoretical implications of the failure to recognize incompetence. **Psychon bull.** 24:1774-1784. 2017.

RODRIGUES, P. **A humanização da medicina.** São Paulo: Atheneu, 2019;

SILVA, J. et al. Desafios da educação médica sobre a morte. **Educação em saúde**, 2023.

SILVA, M.; PEREIRA, J. Educação sobre cuidados de fim de vida. **Educação em saúde**, 2020.